

A perda de jóia antiga

Grande erro dos historiadores é segmentar a História em narrativas que têm começo e fim. Na verdade, jamais começa uma era e outra termina. Como disse Heráclito, tudo está sempre em fluxo; e o processo de mudança contínua em que flui a vida das sociedades vem-se acelerando cada vez mais.

Eis o que ocorre aos redatores de *C&p* quando contemplamos a imagem ímpar, passional e honrada de Leonel de Moura Brizola. Sua morte não encerrou ciclo algum; ele era jóia de outro tempo, preservada para nos lembrar o país que fomos e que, lamentavelmente, não conseguimos mais ser.

Mas para igualmente nos lembrar o país que poderíamos ter sido, e lamentavelmente ainda não somos, porque somos ainda o país das elites perversas e das maiorias excluídas. Do consumismo opíparo e da fome ignominiosa. Da riqueza e da concentração de renda pornográfica. Da fome e da ignorância. O país que ainda hoje relega a segundo plano a educação de suas massas.

Ciclos só terminam quando os problemas – e as propostas de soluções – próprios daquele momento histórico já foram superados, dando lugar a novo conjunto de questionamentos, em torno dos quais as ideologias se articulam e as forças políticas se polarizam. O único período da história brasileira recente que se encerrou foi o período ditatorial, desenvolvimentista, mas fortemente repressivo

e excludente do ponto de vista social. No mais, as marcas do tempo não tornaram obsoletas as graves questões que caracterizam nossa história republicana. Algumas delas se aprofundaram e só a inconsciência ou a má-fé insistiriam no argumento, hoje mais do que surrado, de que a globalização e suas perversas exigências de alteração dos contextos nacionais eliminam ciclos e distorções da vida dos povos e das nações.

O famoso ‘ciclo encerrado’ é o que se abre em 1930. Ele combinou progresso econômico, desenvolvimento cultural nos seus mais diversos terrenos, o movimento pendular do autoritarismo, que em alguns momentos assumiu a forma da ditadura aberta, mas no balanço que pode ser feito na virada do século, o fosso entre a economia e a questão social aprofundou-se. As tentativas de resolução da crise social foram sempre tímidas e insuficientes, quando ocorreram. No mais das vezes, o povo foi abandonado à sua própria sorte. Ao final do ciclo, transpondo o terceiro milênio, retomamos o processo democrático e erradicamos a repressão social, mas o país abandonou o desenvolvimento e continua excludente das grandes massas sociais.

O resultado só poderia ser desastroso. A renda concentrou-se de tal maneira, que o Brasil ostenta hoje o título, nada invejável, de um dos quatro países mais injustos do mundo. A modernização da agricultura expulsou grandes contingentes populacionais que incharam a periferia das grandes e médias cidades. A favelização, com todas as suas seqüelas, é a marca cruel do Brasil urbano. O progresso material do país como um todo deixou de lado a maior parte da população, obviamente com níveis diferenciados de exclusão.

É preciso reconhecer que Leonel Brizola teve sua vida comprometida com a República e o regime democrático, desde o enfrentamento de armas na mão (e empolgando o país) dos golpistas de 1961, até sua resistência à ditadura castrense inaugurada em 1964. Contra ela lutou até o último dia e foi figura de destaque na retomada da democracia representativa, com a campanha pelas diretas-já. E há-se que reconhecer seu permanente comprometimento com as causas da emancipação nacional, do trabalhismo e a defesa das grandes massas oprimidas, desorganizadas e excluídas.

Axioma conhecido até à exaustão, o enfrentamento da crise social é uma combinação do crescimento econômico e de políticas sociais diretas, pois a resolução desta crise não é escrava da economia. Precisamos de políticas habitacionais, nome atual daquilo que se chamava, em outros tempos, de reforma urbana. A existência do MST e as invasões que culminaram no “abril vermelho” mostram que a questão da terra no Brasil continua de uma gravidade que desafia o tempo: colônia, império ou república, anterior ou posterior a 1930, o padrão de propriedade não foi quebrado, apesar dos inegáveis ganhos do agronegócio.

A mesma lógica se aplica aos demais níveis da crise social. Saúde, educação, acesso aos bens culturais, são outras tantas manchas que estigmatizam a sociedade brasileira. Brizola, dentre outros méritos, teve o de colocar a educação no centro das políticas públicas, compreendendo-a como instrumento de cidadania, de inserção social e de desenvolvimento. A escola pública e o ensino fundamental perdem um valoroso defensor.

O estilo brizolista de fazer política poderia estar equivocado, como efetivamente esteve em vários momentos. Mas a temática por ele apontada, os males que ele considerou centrais na sociedade e na política brasileira estão longe do esgotamento de um período. Orientar a política para os setores organizados – sindicatos, associações profissionais, ongs, etc... – pode apresentar graus, até mesmo crescentes – de dificuldade, visto que a negociação esbarra em argumentos e propostas concretas, elaboradas por equipes de dirigentes associativos tarimbados na discussão e na negociação políticas. Falar pelas grandes majorias, deserdadas e excluídas do sistema educacional – e do sistema laboral, além do sistema político, da cidadania, da economia, da vida social enfim, em suas diversas gradações – é bem mais complicado. Pode até tornar-se mais fácil para aventureiros e demagogos corrompidos, como Fernando Collor. Para as lideranças responsáveis, é necessário agregar demandas difusas, reunir a esperança que bate de modo quase sempre desordenado em milhões e milhões de corações e articular, a partir daí, projetos que dêem resposta à esperança individualizada.

Pode parecer difícil, mas enquanto isto não ocorrer, não haverá caminho possível para o Brasil. Enquanto dominarem as interesses do capital financeiro especulativo, ancorados em confortável taxa de juros e permanecerem sepultadas as expectativas dos segmentos, até hoje marginalizados, da sociedade brasileira, o caminho das minorias continuará aberto e o das maiorias fechado. Mas nunca é demais repetir que um país não se constrói pelas minorias e sim pela incorporação daqueles que ainda mantêm a esperança, apesar de ver sua realização adiada, todo dia.

Dedicamos este número de *Comunicação & política* à memória de Leonel de Moura Brizola. (RA).